

Sobre Antônio Sales

Martins de Aguiar

Veste-se-me de luto a alma e ajoelha em prece. Faz horas apenas que fui deixar no seu jazigo aquele que, depois de José de Alencar e José Albano, é o maior escritor do Ceará de seca e de talento. E eu julgava que todos os cearenses, num só reconhecimento ao espírito luminoso que tão alto elevou os preceitos da honra, que com mão tão firme pegou na pena para escrever das frases mais harmoniosas da lingua, quer burilando a prosa, quer escumilhando o verso, eu julgava que todos os cearenses se prosternariam ante o esquife do herói do pensamento, que toda a mocidade do Ceará se abriria em alas a fim de vê-lo passar em apoteose, que todos os intelectuais do Ceará se uniriam para reverenciar o maior de todos eles, que toda a população do Ceará fosse fazer-lhe a sagração me-

recida. . . Mas fomos apenas uns poucos amigos e fiéis admiradores que acompanhamos, a passo lento, o corpo inânime de Antônio Sales! . . .

Durante a tormentosa doença que o matou, visitei Antônio Sales uma só vez. Sentí que ia morrer e não voltei a vê-lo. Não tive coragem de voltar a vê-lo. Sou, por infelicidade, um emotivo. A precisão de afastar-me definitivamente de uma pessoa estimada — o que se dá somente em duas ocorrências, por ingratidão dela ou por enterrá-la a morte —, essa dura necessidade me abala profundamente, até os escaninhos imprevisíveis do meu ser. Visitei-o, pois, uma só vez. Estava numa rede, na sua biblioteca, no meio dos sábios ou harmoniosos companheiros de toda a sua intensa faina intelectual. Tinha uma dor de cabeça, que diminuía agora, para depois aumentar-lhe o sofrimento. Então, estava melhor.

É talvez hipertônica — disse-lhe eu, para imediatamente arrependê-me, por que vi que tinha atingido em cheio a sua sensibilidade, por que vi que ele ficara meio assustado, no pressentimento da morte. Procurei aliviar-lhe o espírito, falando-lhe da sua velhice moça, e, com habilidade, derivei a conversa para assuntos literários. Externou-se com mais aprumo, quase inteiramente distanciado das idéias que negrejavam a limpidez da sua alma. Demorei-me pouco, escassos minutos, não fosse a minha contida emoção revelar-lhe aquilo que eu tanto forcejava por que me não viesse à tona do rosto. Foi ainda em fins de Setembro. Daí em diante, acompanhei-lhe o morrer por meio de informações de amigos, ou de pessoas que eu mandava expressamente a casa dele, mas com proibição formal de revelarem da parte de quem iam.

Antônio Sales é um poeta da estirpe de Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho e um prosador da estirpe de Machado de Assis e Eça de Queiroz. Entre os escritores cearenses, ocupa o segundo lugar, tanto como poeta quanto como romancista. O primeiro poeta é José Albano, o primeiro romancista é José de Alencar. Vem logo depois o morto de ontem, que tem

assim papel de relevo na literatura nacional, onde não apareceu ainda um poeta superior a José Albano, onde não apareceu ainda um romancista superior a José de Alencar. O seu nome, põe-no a história entre os que mais elevado tem as letras brasileiras, que, se não podem comparar-se às letras francesas, inglesas, ou mesmo lusitanas, tem já, entretanto, figuras marcantes, que deixaram de ser nacionais para internacionalizar-se. A sua obra é a sua alma. É como a sua alma era estruturalmente simples e firmemente equilibrada, simples e equilibrada é a sua obra. As **Poesias**, com a gentileza, doçura e ingenuidade que as individualizam; a **Minha Terra**, com o bafejo de nobre patriotismo que a perfuma; as **Aves de Arribação**, com a admirável trama psicológica que lhes dá vida; os **Retratos e Lembranças**, com a piedade e bondade infinitas que os envolvem; tudo isso, objetivado na mais trabalhada e pura simplicidade de estilo, faz da obra de Antônio Sales modelo de arte imperecível. Já aos 72 anos, em Junho ainda, publicou, nesta revista, a **Taça de Meneleu**, obra-prima inconfundível, poesia das mais belas com que pode a língua portuguesa apresentar-se no concerto literário universal.

Eu era estudante, quando fui apresentado ao escritor ilustre, na então Praia-do-Peixe, por Pontes Vieira, esse velho e querido colega de Liceu, seu parente e grande amigo e admirador. Tratou-me com amabilidade, quis saber dos meus planos no domínio das letras, desaprovou que eu pensasse ao mesmo tempo em ser crítico literário, romancista e filólogo (aspirações que passaram, como as demais ilusões!) e disse-me, como se eu fosse um colega, o que pretendia realizar. Citou-me três romances: as **Aves de Arribação**, a **Estrada de Damasco**, e outro, de cujo título não há meios de lembrar-me. Só as **Aves de Arribação** entraram para as nossas bibliotecas. O terceiro talvez nunca tenha sido feito. A **Estrada de Damasco** está anunciada apenas. É bem provável que não chegasse a passar do anúncio. Por que Antônio Sales, um nome nacional, um dos maiores escritores do Brasil em todos os tempos, não tinha editor! Em dias do ano passado, talvez mesmo este ano,

indo-lhe eu a casa, mostrou-me uma obra sua em originais, que lhe acabava de recambiar um editor de São-Paulo...

Antônio Sales era um pudico e um tímido. Está nisso a razão do lugar discreto que sempre ocupou na literatura nacional. No Rio, fazia parte da roda mais brilhante. Mas nunca se aproveitou desse convívio. Na livraria de Garnier se juntavam os intelectuais de valor, amigos todos do escritor cearense. Um dia, à hora da sessão ordinária da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assiz, o admirável Machado, que ele me dizia ser um dos homens mais delicados que conhecera, levantou-se, de relógio na mão, e convidou os demais acadêmicos para por-se a caminho. Só Antônio Sales não o era e, por isso, continuou sentado.

— Ande, Sales! — disse-lhe o grande prosador, com ar de impaciência.

— Mas eu não sou acadêmico, Machado...

— Ah! não é? Pois você vale tanto, que eu pensei que fosse!

E tudo fez depois, como dantes fizera, para por Antônio Sales na Academia, sem que o conseguisse nunca.

— Por que? — perguntei a Sales.

— Eu tinha medo do discurso de recepção... Eu sou incapaz de produzir um discurso...

A simplicidade e o equilíbrio do homem de letras acompanharam sempre o homem do lar. Com D. Alice, constituía Antônio Sales um casal modelo. Quando duas pessoas de tal modo se estimam, costuma dizer-se que são duas almas num só corpo. Não concordo. São dois corpos com uma só alma. E a morte de Antônio Sales despedaçou metade da alma de D. Alice, a fada encantada e encantadora que realizou a dourada história-de-trancoso da sua vida.

(15 de Novembro de 1940)